

História e Espaços do Ensino: historiografia, PNLD e a busca por um livro didático ideal

Jandson Bernardo Soares^I
Jefferson Pereira da Silva^{II}
Wendell de Oliveira Souza^{III}

“As coisas estão no mundo só que eu preciso aprender”
(Paulinho da Viola)

RESUMO: Constituir-se enquanto grupo acadêmico requer clareza quanto à pesquisa acadêmica, seus objetivos, problemáticas e referenciais teóricos a serem compartilhados. Neste sentido, nos propomos a refletir sobre como as categorias conceituais de *livro didático* e *espaço escolar*, que fundamentam a linha de pesquisa História e Espaços de Ensino ao qual estamos institucionalmente ligados, foram constituídas a partir da produção de Margarida Maria Dias de Oliveira. Para realizarmos tal empreendimento, foram analisados os diversos artigos e livros produzidos pela mesma e que tinham como discussão central questões relacionadas ao livro didático, objeto aglutinador das produções da linha de pesquisa.

Palavras-chave: Livro didático; espaço escolar; ensino de História.

History and Teaching Spaces: historiography, National Textbook Evaluation Program and the search for an ideal textbook

ABSTRACT: An academic group identity requires clarity on academic research, its objectives, issues and theoretical frameworks to be shared among the participants. In this regard, we propose to reflect on how the conceptual categories of textbook and school space, that is the base to the line of research History and Teaching Spaces which we are institutionally linked, were made from the production of Margarida Maria Dias de Oliveira. To accomplish such effort, several articles and books produced by the researcher were analyzed and they had as main discussion issues related to the textbook, object that binds the research line productions.

Keywords: Textbook; School Space; History Teaching.

Artigo recebido em 19/02/2016 e aceito em 28/02/2016.

JANDSON BERNARDO SOARES
JEFFERSON PEREIRA DA SILVA
WENDELL DE OLIVEIRA SOUZA

O que nos torna um Grupo de Pesquisa?

O Grupo de Pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais possui vínculo com o Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Desde 2009, ano de sua criação, o grupo tem buscado atuar de forma integrada na pesquisa, no ensino e na extensão, tentando assim, articular os cursos de graduação e pós-graduação em História da universidade.

Três são as linhas de pesquisa que compõem o grupo: 1) História e Espaços de Ensino, coordenada por Margarida Maria Dias de Oliveira; 2) Cultura Política e Construção dos Espaços, coordenada por Juliana Teixeira Souza^{IV}; e a linha 3) Cultura Visual, Espaços e Poder, coordenada por Francisco das Chagas F. Santiago Júnior^V.

As principais categorias conceituais trabalhadas pelo grupo são as que o nomeiam. No documento intitulado *Projeto de Criação de Grupo de Pesquisa: Espaços, Poder e Práticas Sociais*, elaborado em maio de 2009, as definições de tais categorias são apresentadas da seguinte forma:

O poder é aqui pensado como uma relação entre sujeitos em diversos níveis subjetivos e intersubjetivos, fundamental na constituição de sistemas de classificação e hierarquização sociais e nos padrões de símbolos significantes que conferem estabilidade e instabilidade aos grupos sociais. **As práticas sociais** são o conjunto de ações que articulam conhecimentos resultantes das relações de interdependência entre indivíduos e grupos sociais e destes entre si. [...] **o espaço** está relacionado às variadas práticas sociais marcadas por relações de poder, as quais explicitam a potência de indivíduos ou grupos de criarem graus variados de influências mútuas, de maneira a produzir ou reproduzir hierarquias e condutas, normas, obrigações, mas também espaços de todas estas^{VI}.

Embora no documento mencionado as categorias apareçam bem delimitadas, não ficam explicitados quais referenciais teóricos e historiográficos serviram para fundamentá-los. Neste sentido, a identidade do grupo carece de maiores contornos. Essa ausência prejudica as tentativas de harmonização dos trabalhos entre as linhas e a própria noção de grupo de pesquisa, haja vista que, um grupo de pesquisa, para que cumpra com seus objetivos principais, demanda de seus membros afinidade teórica e metodológica, além de identificação com o objeto das pesquisas.

Ao tentar compreender o significado da profissão de historiador, Antoine Prost chamava atenção para o caráter social e antropológico que envolve a constituição desse grupo. Na perspectiva dele

[...] Esse grupo, por sua vez, diversificado, compreendendo essencialmente professores e pesquisadores, está unido por uma formação comum, uma rede de associações e de revistas, assim como pela consciência nítida da importância da história. Além de compartilhar critérios de julgamentos [...], ele está unido por normas comuns, a despeito de previsíveis clivagens internas [...]^{VII}.

Tomando essa definição como metáfora para constituição de um grupo de pesquisa, é necessário o compartilhamento da parte do método histórico que diferencia os historiadores: os aspectos teórico-metodológicos. Sua constituição envolve a elaboração de redes de

JANDSON BERNARDO SOARES
JEFFERSON PEREIRA DA SILVA
WENDELL DE OLIVEIRA SOUZA

pesquisadores que, ao mapearem o campo e o objeto de estudo, possibilitam o avanço das pesquisas e evitam repetições sobre questões já respondidas. Além disso, uma produção de qualidade permite que o grupo possa ter o reconhecimento dos pares, fazendo com que este dispute recursos que viabilizem seus interesses, construa parcerias e se torne referência na área em que atua.

No entanto, para que isso ocorra, é necessário dominar o objeto de estudo, o que, por conseguinte, levaria a elaboração de novas perguntas, a criação de novos recortes e delimitações. Afinados e tendo clareza sobre o caminho trilhado pelo grupo, seus membros poderiam ‘ganhar tempo’, compartilhando experiências de pesquisa, leituras bibliográficas e as soluções provisórias aos seus questionamentos iniciais.

Nossa linha de pesquisa, História e Espaços de Ensino, cuja identificação se constrói na problematização da história com os espaços do ensino, definiu como objeto central das preocupações de seus membros o livro didático de história^{VIII}. Diante da volumosa historiografia que o tomou como centro de suas reflexões, optamos, como ponto de partida, buscar algumas definições sobre nosso próprio objeto a partir da produção do membro mais experiente desta linha, Margarida Maria Dias de Oliveira, referência na área de ensino de História no Brasil.

Para tal, tentando mapear as transformações e continuidades do livro didático de história na sua obra, problematizamos cinco trabalhos^{IX} que o tomaram como objeto central, de modo a compreender como a autora entende o mesmo, qual sua relação com a profissão de historiador e com a teoria da história. Além disso, tentaremos demonstrar como esta produção está marcada por tensões, lutas, disputas e posicionamentos. Foi possível notar a partir da leitura e discussão dos textos mencionados pelo menos três momentos de flexão na produção: 1) revisão historiográfica sobre livro didático; 2) livro didático de história como objeto de pesquisa, a partir da experiência no Programa Nacional Livro Didático (PNLD); e 3) livro didático de história como objeto de pesquisa, a partir do contato com a Didática da História alemã.

Da UFPB a UFRN: entre os cadernos e os quadros

Margarida Maria Dias de Oliveira, atualmente, é professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Formada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a experiência da graduação no curso de História e o aprendizado com Joana Neves (sua ‘sensei’) transversalizam sua experiência profissional, sua obra e seu pensamento. Mestre em Sociologia, pela UFPB, sob orientação de Joana Neves, produziu um trabalho sobre a construção da história local a partir da historiografia produzida pelo Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), tomando como recorte o período que vai de 1905 a 1930^X. Em 2003, defendeu com sua tese de doutorado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob orientação de Rosa Maria Godoy Silveira, com um trabalho sobre a formação do profissional de História. Sua tese pautou a formação do profissional de História do ponto de vista da produção do conhecimento histórico^{XI}. Sua atuação na Associação Nacional de História (ANPUH), aliada a uma discussão sobre a formação do historiador, resultou em um chamado de todos os profissionais a discutirem qual é o passado que todo cidadão brasileiro tem direito de conhecer, discussão alvo de sua tese e que perpassa toda a sua produção acadêmica.

A partir de 2004, ingressou na UFRN como professora de Arquivística Histórica. Foi uma das responsáveis pela criação do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN (PPGH/UFRN), cuja concentração mantém-se em torno da problemática do espaço. A

JANDSON BERNARDO SOARES
JEFFERSON PEREIRA DA SILVA
WENDELL DE OLIVEIRA SOUZA

necessidade de se inserir nesta pós-graduação a levou a trabalhar com o conceito de *espaço escolar*, entendido como:

[...] o conjunto das relações construídas entre espaço físico das instituições de ensino, seus sujeitos diretos (docentes e discentes), a comunidade composta por pais, vizinhança, legisladores, gestores, etc., e os resultados dessas relações: leis, prescrições curriculares, materiais didáticos, metodologias de sala de aula, estratégias de relacionamento, etc. e que, por meio deste entendimento, objetiva produzir reflexões teóricas específicas no que diz respeito ao conceito de espaço escolar^{XII}.

Por meio de tal conceito, aproxima as discussões sobre espaço ao seu objeto de pesquisa: o ensino de História^{XIII}.

Entre 2004 e 2015 foi representante da área de História na Comissão técnica das avaliações do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Anos Finais). O contato com a política pública, que também se tornou alvo de sua reflexão, influenciou suas leituras sobre o que são os livros didáticos de história e intensificou o debate sobre como as graduações se relacionavam com esse material. É neste espaço de tempo que a mesma define mais claramente sua concepção de livro didático, um *objeto cultural*:

Estamos entendendo como livro didático “um material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem ou formação”. Deve-se levar em conta a complexidade desse objeto, porque o livro didático não é “apenas” um livro, tampouco o é no sentido mais usual do termo, para ser lido, da primeira à última página. O livro didático precisa ser entendido como parte da história cultural da nossa civilização e como objeto que deve ser usado numa situação de ensino e aprendizagem e, nessa relação, há vários sujeitos: o(s) autor(es), editor, trabalhadores, e, sobretudo, professores e alunos^{XIV}.

‘É caminhando que se faz o caminho’: as transformações da profissional e seu objeto

Como se afirmou anteriormente, ao nos debruçarmos sobre os textos referenciados que tomaram o livro didático de história como objeto central de pesquisa, construímos uma periodização de seus estudos a partir de nossas inquietações. Toda classificação analítica exige seleção, destaque de alguns elementos, supressões e silêncios. Ou seja, os recortes temporais/temáticos apontados não implicam em rupturas abruptas, todavia, em processos de transição e de simultaneidades. Essa periodização, marcada por três fases, tomou como critério de elaboração os textos em si e o contexto profissional e intelectual da autora.

A primeira fase está relacionada à luta realizada no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 caracterizados pela elaboração de uma política educacional coerente com a situação que o Brasil vivia. Esta luta incorporava o combate ao entulho autoritário, toda a legislação que regulamentava o ensino, criada durante a Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985), e que impedia as transformações sociais necessárias para a redemocratização.

Estavam pautadas questões sobre a elaboração de uma nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), as interferências do Banco Mundial na política organizacional brasileira e a regulamentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Foi contra os Parâmetros que a autora lançou suas críticas afirmando que a política educacional brasileira não estava sendo

JANDSON BERNARDO SOARES
JEFFERSON PEREIRA DA SILVA
WENDELL DE OLIVEIRA SOUZA

discutida pelos profissionais especialistas, que possuíam o arcabouço teórico para tratar da importância do conhecimento histórico para a sociedade. Segundo a autora, tal tarefa foi designada a tecnocratas fazendo com que o momento em que era possível se posicionar sobre a legitimidade do conhecimento histórico para a sociedade fosse deixado de lado, passando a se discutir os problemas educacionais através de soluções técnicas como gestão e desenvolvimento de autonomia institucional^{XV}.

Este primeiro momento se encerra com a defesa de sua tese de doutorado, na qual chama os historiadores a se posicionarem quanto ao passado que todo cidadão brasileiro tem por direito saber e a responsabilidade sobre a formação de profissionais mais capacitados, tendo como princípio orientador os fundamentos da ciência da história. Ao identificar e classificar as pesquisas sobre ensino de História, e por sua vez as pesquisas sobre livros didáticos, a autora deu visibilidade ao ensino de História como objeto de pesquisa, à medida que mapeou o campo instituindo autonomia com relação à outros campos da história, assim como direcionou o surgimento de novas abordagens.

Os trabalhos mapeados eram predominantemente marcados por análises que apontavam a existência de *erros cometidos pelos livros didáticos ou à inexistência de temas em outros*, ou seja, o que conceituou como *historiografia da falta*^{XVI}. Esses estudos foram importantes entre os anos 1970 e 1980, pois geraram pressões em torno da carência de reestruturação desse material, uma vez que denunciavam a existência de ideologias/doutrinação e/ou erros presentes nos livros. Foi nesse sentido que a autora apontou para que as novas pesquisas pensassem o livro didático a partir de outras problemáticas, como as referentes aos usos, representações, produção e sujeitos envolvidos, relação entre esse material e os cursos de formação, entre Estado e o Mercado etc. Assim, podemos compreender o trabalho desenvolvido na tese como um orientador para novas problemáticas de pesquisas.

A segunda fase é marcada pelo seu ingresso, a partir de 2004, no Departamento de História da UFRN como professora de Arquivística Histórica e na Comissão Técnica de História do PNLD. A partir de 2005, com a criação de um Programa de Pós-Graduação em História na UFRN, em nível de mestrado com área de concentração em História e Espaços, passou a orientar e incentivar pesquisas diretamente relacionadas ao ensino de História e ao livro didático. É igualmente importante frisar que foi neste momento que definiu as duas principais categorias de análise das futuras pesquisas: a de livro didático, em 2009; e a de espaço escolar, em 2013, respectivamente mencionadas anteriormente.

Sua passagem pela Comissão Técnica das avaliações dos livros didáticos de história para o Ensino Fundamental (Anos iniciais e Anos finais), entre os anos de 2004 e 2015, verticalizou as reflexões sobre formação dos profissionais de história e sua ligação com os livros didáticos (de história) que já havia sido apontado no trabalho do doutorado:

[...] os profissionais dos cursos de formação inicial de professores na graduação [...] devem perceber o caráter seletivo do conteúdo.

As conexões com o projeto político-pedagógico da escola e com a realidade vivida pelos agentes escolares são satisfatoriamente percebidas pelos formandos e professores. As dúvidas residem em qual conteúdo, ou melhor, quais parâmetros devem nortear a escolha desse conteúdo que deve ser obrigatório ou desejável.

Quando a formação inicial não cumpre esse papel, no Brasil, no mais das vezes, quem está fazendo essa seleção é o livro didático. Assim, deixam de ser um meio para o ensino, para transformar-se na própria disciplina, no que deve ser estudado^{XVII}.

JANDSON BERNARDO SOARES
JEFFERSON PEREIRA DA SILVA
WENDELL DE OLIVEIRA SOUZA

Ao pautar, desde 2003, *uma discussão necessária à formação do profissional de História*, Margarida Oliveira apontou possibilidades de pesquisa. Entre estas, a de se problematizar e refletir sobre as variadas experiências de formação inicial no Brasil – que se iniciam com a criação do curso de História da USP, contudo, se pulverizam ao longo da segunda metade do século 20. A novidade deste objeto de pesquisa – o ensino superior de História no Brasil – já acumula uma quantidade significativa de estudos, desde o final da década de 1990^{XXVIII}.

Entre 2007 e 2014, Margarida Oliveira^{XIX} coordenou a Coleção Ensino de História, publicada pela Editora da UFRN (EDUFRN), e organizou seus respectivos volumes em parceria com: Maria Inês Sucupira Stamatto^{XX}, Almir Félix Batista de Oliveira^{XXI}, Aryana Costa^{XXII}, Marlene Rosa Cainelli, constituindo um marco da sua produção nesta fase. Essa coleção é sintomática à sua produção, sendo possível perceber que dos sete volumes organizados, quatro dizem respeito aos livros didáticos – sendo três organizados com envolvimento direto.

O primeiro volume, publicado em 2007, é o que, comparado aos demais, apresenta a maior concentração de temas, de trabalhos (19) e diversidade de autores (27). Dividido em três partes, a saber: 1) O livro didático de História: políticas educacionais, pesquisas e ensino; 2) A coleção de história; e 3) O livro regional de história; os temas elencados representam o estado da arte das pesquisas sobre livro didático de história no Brasil. A diversidade de pesquisadores revela a rede profissional e intelectual construída por Margarida Oliveira na experiência enquanto Comissão Técnica do PNLD, haja vista que, majoritariamente, os envolvidos nesta publicação participaram do processo de avaliação do PNLD 2007 e 2008^{XXIII}.

O segundo volume, publicado em 2009, possui oito trabalhos de temas diversos, envolvendo questões relacionadas à: 1) legislação; 2) usos do livro didático; 3) patrimônio histórico; 4) África e educação afro-brasileira; e 5) história local. Vale ressaltar que dos autores envolvidos na obra, apenas um não participou do volume citado anteriormente, o que significa dizer que há uma continuidade das reflexões sobre livros didáticos a partir das experiências desenvolvidas por esse grupo ao longo das avaliações^{XXIV}.

O terceiro e último volume organizado por Margarida Oliveira, publicado em 2014, trata das experiências de avaliações dos livros didáticos de História no Brasil, no Chile, na Espanha, no Japão, no México e em Portugal. O diferencial desta obra é que se levanta a discussão sobre a avaliação de livros didáticos de História a partir de outras experiências, legislações, culturas e demandas. Esta publicação foi resultante de uma discussão internacional sobre essa diversidade de avaliações e marca a transição da segunda para a terceira fase de suas pesquisas sobre livro didático^{XXV}.

A terceira fase se inicia com uma reflexão sobre livro didático fundamentado na Teoria da História rüseniana e na Didática da História de matriz alemã. Esta opção teórica se justificou pela ausência da sistematização de uma teoria da história à brasileira, de modo a pensar que as teorias da história que englobam o ensino estão sendo produzidas em várias partes do mundo e em momentos diferentes. Essa teoria da história também possibilita a reflexão da produção e aprendizagem do conhecimento histórico por meio de uma teoria da aprendizagem e do desenvolvimento. A opção por essa perspectiva indica um momento de transformação na obra da autora que se desloca da concepção em que se reflete sobre o que é necessário saber, o que ensinar e o por quê ensinar – centrando seu olhar no professor, na sua formação e no como se ensina – para uma percepção voltada para os alunos e seus mecanismos de aprendizagem a partir das competências e habilidades que cada faixa etária possui e é capaz de desenvolver.

JANDSON BERNARDO SOARES
JEFFERSON PEREIRA DA SILVA
WENDELL DE OLIVEIRA SOUZA

O artigo de Margarida Oliveira ‘Cultura Histórica e livro didático ideal: algumas contribuições de categorias rüsenianas para um ensino de História à brasileira’ (2014), em coautoria com Itamar Freitas Oliveira, exemplifica bem esta terceira fase de sua produção, na qual o tratamento dado ao livro didático dialoga com referenciais que são amplamente discutidos e alvo das reflexões da Didática da História alemã. Partindo das explicações rüsenianas de livro didático e sua relação com a cultura histórica, eles destacam duas ideias. A primeira aponta o livro didático como resultado da cultura histórica. Essa ideia se aproxima de parte daquela definição de livro didático – exposta em 2009 – enquanto objeto cultural, ou seja, *como parte da história cultural da nossa civilização*^{XXVI}. A segunda, que leva a uma (re)definição mais complexa de livro didático, o entende

[...] como meio/processo/instrumento da cultura histórica, cuja finalidade é potencializar as capacidades mentais, ou seja, o livro viabiliza a aquisição e o desenvolvimento das capacidades de perceber, interpretar, orientar e construir a identidade do aluno^{XXVII}.

Neste sentido, podemos afirmar que ocorreu um deslocamento das definições. Esse movimento ocorreu de uma perspectiva de especificações técnicas e sócio-histórico-antropológica para uma que hibridiza elementos da psicologia, da neurociência e da própria história.

O ensino de história é alvo das reflexões da teoria da história, sendo pensado a partir das particularidades do campo disciplinar a que pertence e não por meio de discussões em torno de técnicas de ensino, como tem sido feito por outros profissionais. As reflexões levantadas pela didática da história de matriz alemã são voltadas para a resolução de problemáticas específicas da Alemanha, não atendendo em totalidade as nossas demandas. O trabalho desenvolvido, nesta nova fase, chama atenção para se fundar uma didática da história à brasileira, que teria como objetivo refletir sobre os mecanismos mentais envolvidos na produção de sentido nos/dos passados brasileiros e na seleção de quais passados seriam fundamentais para a construção do cidadão brasileiro no século 21.

Tal reflexão leva a pensar qual papel tem sido atribuído à história em seus mais diversos usos públicos e quais sentidos e habilidades deveriam ser desenvolvidos para o cidadão brasileiro. Esse movimento com a didática da história associado a seu novo posicionamento em relação às proposições sobre o ensino, mencionadas anteriormente, possibilita questionar o livro didático a partir de novas vertentes, como por exemplo, qual é o modelo de livro didático idealizado pelo Estado brasileiro pós 1985, partindo da criação do PNLD. Pesquisas desse tipo possibilitam compreender o papel que o Estado e seus agentes vêm atribuindo à história na formação dos brasileiros, uma vez que permitiria refletir a respeito das atribuições e competências que o ensino de História deve desenvolver, assim como sua função enquanto conhecimento que faz parte do mundo social.

Ao mesmo tempo, essa questão incita os profissionais de história a refletirem, enquanto grupo profissional especializado, sobre a relevância da ciência da história para a formação dos cidadãos brasileiros e a suas vivências cotidianas. Fato que poderia implicar no estabelecimento de critérios no processo de selecionar conteúdos, uma vez que, os únicos conteúdos relacionados à disciplina de História, considerados obrigatórios, e que são legitimados por lei, dizem respeito ao estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena^{XXVIII}. Entretanto, quais especificidades devem ser ressaltadas nestes conteúdos? Ou melhor, o que destes temas deve ser ensinado, já que se trata de conteúdos amplos? A didática

HISTÓRIA E ESPAÇOS DO ENSINO: HISTORIOGRAFIA, PNLD E A BUSCA POR UM LIVRO DIDÁTICO IDEAL

JANDSON BERNARDO SOARES
JEFFERSON PEREIRA DA SILVA
WENDELL DE OLIVEIRA SOUZA

da história à brasileira teria condições de responder a estes questionamentos. Paraphraseando Margarida Oliveira: o debate continua posto!

Notas

^I Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação da UFRN. Membro do Grupo de Pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais.

^{II} Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do Grupo de Pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais.

^{III} Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor da rede privada de ensino básico de Natal/RN. Membro do Grupo de Pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais.

^{IV} Possui graduação em História (1999) e mestrado em História Social (2002) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorado em História Social (2007) pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Pesquisa temas relacionados à História Política e História Social do Brasil Império e a atuação das Câmaras Municipais, o governo das cidades e o mundo do trabalho no século 19. Foi coordenadora do curso de História da UFRN e parecerista nas avaliações do PNLD 2013, 2014, 2015 e 2016. Atualmente é professora do curso de história e coordenadora do subprojeto PIBID-História da UFRN.

^V Possui graduação em História pela Universidade Federal do Piauí (2002), mestrado em Multimeios pela UNICAMP (2005) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2009). Atualmente é professor do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN, sendo seu coordenador. Tem experiência com metodologia de pesquisa com artes e multimeios, história visual e a relação historiografia e cinema. Pesquisa sobre história e teoria das imagens, história do cinema brasileiro e etnicidade e racismo no Brasil. Foi parecerista nas avaliações do PNLD 2012, 2013, 2014 e 2016.

^{VI} SANTIAGO JR, 2009, p. 7, **grifo nosso**.

^{VII} PROST, 2012, 33.

^{VIII} Cabe registrar que o grupo tem contribuído com as seguintes pesquisas: 'Entre teorias e práticas de produção de livros didáticos de História no Brasil (2004-2015)', desenvolvida por Jandson Bernardo Soares no PPGH/UFRN; '**Valores historicizados e saber histórico escolar: uma análise dos editais do PNLD e livros didáticos de história**', desenvolvida por Amanda da Cunha Conrado no PPGH/UFRN; 'A didática da História no espaço escolar: escravidão e capoeira nos livros didáticos de história (PNLD, 2005-2015)', desenvolvida por Jefferson Pereira da Silva; 'O ensino superior de História no Brasil: o caso da UFRN (1958-2015)', desenvolvida por Wendell de Oliveira Souza.

^{IX} Agradecemos a Matheus Oliveira pela revisão do texto final e pela busca, seleção e organização das nossas fontes:

OLIVEIRA, M. M. D. de. Livros Didáticos de História: pesquisa, ensino e novas utilizações deste objeto cultural. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de (Org.). **Livros didáticos de história: escolhas e utilizações**. Natal: EDUFRN, 2009. pp. 79-86.

_____. O ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil. In: _____. **O direito ao passado. Uma discussão necessária à formação do profissional de História**. Aracaju: UFS, 2011. pp. 37-116.

_____. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a construção do saber histórico escolar. In: GALZERANI, Maria Carolina Bovério; BUENO, João Batista Gonçalves; PINTO JUNIOR, Arnaldo. (Org.). **Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o Livro Didático de História**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. pp. 357-372.

_____; OLIVEIRA, Itamar Freitas de. Programa Nacional do Livro Didático - PNLD: processo de uma política e possibilidades de aperfeiçoamento. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; COSTA, Aryana Lima (Org.). **Para que(m) se avalia? Livros Didáticos de História e Avaliações (Brasil, Chile, Espanha, Japão, México e Portugal)**. Natal: EDUFRN, 2014. pp. 11-25.

_____; OLIVEIRA, Itamar Freitas de. Cultura histórica e livro didático ideal: algumas contribuições de categorias rüsenianas para um ensino de História à brasileira. **Espaço Pedagógico**, v. 21, p. 223-234, 2014.

^X Sobre a dissertação ver: OLIVEIRA, M. M. D. de. **Intrepida ab Origine (O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local)**. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora, 1996. 70p.

^{XI} Uma década depois da tese, e em parceria com Itamar Freitas, Margarida Oliveira publicou um trabalho que sistematizou essa discussão, apontando as áreas de atuação dos profissionais em história e os saberes necessários que precisam ser mobilizados no período da formação. Quanto a isso ver: OLIVEIRA, M. M. D. de; FREITAS, I. A formação do profissional de história na contemporaneidade. In: **Mouseion**, Canoas, n. 19, dez., 2014, p. 109-125.

HISTÓRIA E ESPAÇOS DO ENSINO: HISTORIOGRAFIA, PNLD E A BUSCA POR UM LIVRO DIDÁTICO IDEAL

JANDSON BERNARDO SOARES
JEFFERSON PEREIRA DA SILVA
WENDELL DE OLIVEIRA SOUZA

^{xii} OLIVEIRA, 2013, p. 235.

^{xiii} Diante das políticas de pesquisa no Brasil que limitam os pesquisadores a temas específicos, Margarida Oliveira narrou sua trajetória de pesquisa que, inicialmente, abraçou diversos temas e como ela fez a opção do ‘ensino de História’ como tema principal de pesquisa – haja vista que suas discussões transversalizavam outros temas, como memória, patrimônio e historiografia – em detrimento dos demais. Ver: OLIVEIRA, M. M. D. de. Ensino de história: (des)caminhos na construção de um objeto de pesquisa. In: SILVA, C. B da; ZAMBONI, E. **Ensino de História, memória e culturas (orgs.)**. Curitiba: CRV, 2013. 229-244p.

^{xiv} OLIVEIRA, 2009, p. 81.

^{xv} Para saber mais sobre essa discussão, ver: OLIVEIRA, M. M. D. de. **Contra o Consenso: LDB, DCN, PCN e as reformas no ensino**. João Pessoa: Sal da Terra, 2000.

^{xvi} OLIVEIRA: 2011, p. 84.

^{xvii} (*Idem*, p. 81). Essa discussão se mantém atual pela inexistência de um currículo nacional. Apesar disso, ressalte-se que desde 2015 está em processo de elaboração uma Base Nacional Comum definindo o que deve ser ensinado e quando deve ser ensinado. Ver: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>.

^{xviii} Entre 1998 e 2011, quinze dissertações de mestrado e cinco teses de doutorado problematizaram as experiências dos cursos de graduação em História no Brasil. A temporalidade abarcada pelos trabalhos situa-se entre as décadas de 1930 aos anos 2000, sendo as décadas de 1950 a 1980 as que concentram a maior parte das análises.

^{xix} O único volume organizado com autoria individual foi: ‘Como se formam os professores de História: vivências e experiências na iniciação à docência’ (2009).

^{xx} Os títulos organizados por Maria Inês Stamatto foram: ‘O livro didático de história: políticas educacionais, pesquisas e ensino’ (2007), em parceria com Margarida Oliveira; ‘Escolha e uso do livro didático – pesquisa interinstitucional (ensino fundamental – Brasil/2006)’ (2008), de autoria individual; ‘História ensinada e a escrita da História’ (2009), em parceria com João Maria Valença de Andrade.

^{xxi} Os títulos organizados por Almir Félix foram: ‘Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços’ (2008), em parceria com Margarida Oliveira e Marlene Rosa Cainelli; ‘Livros didáticos de história: escolhas e utilizações’ (2009), em parceria com Margarida Oliveira.

^{xxii} O título organizado por Aryana Costa foi: ‘Para que(m) se avalia? Livros Didáticos e Avaliações (Brasil, Chile, Espanha, Japão, México e Portugal)’ (2014), em parceria com Margarida Oliveira.

^{xxiii} A possibilidade de reunir pesquisadores deste objeto específico, o livro didático de história, a partir da política pública, permitiu que estes relacionassem suas atividades profissionais com uma demanda real da sociedade: a exigência de livros didáticos de qualidade para a educação básica, pública e gratuita brasileira.

^{xxiv} Este livro foi resultado do ‘VI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços’, realizado em Natal, na UFRN entre os dias 10 a 13 de outubro do ano de 2007. Evento este organizado pela própria Margarida Maria Dias de Oliveira, juntamente com Marlene Rosa Cainelli.

^{xxv} Recentemente, Margarida Oliveira foi convidada a participar do “VI Simposio Internacional Didática de Las Ciencias Sociales en El Ámbito Iberoamericano”, realizado na Cidade do México no final de 2015. Neste evento, o tema de sua fala foi a discussão de uma Base Nacional Comum para o Brasil.

^{xxvi} OLIVEIRA, 2009, p. 81.

^{xxvii} OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2014, p. 227.

^{xxviii} Legitimados por meio da Lei de nº 11.645 de 10 de Março de 2008 e que altera a LDB de 1996 e ressalta no Art. 26-A: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. Cabendo uma atenção especial a serem ministrados nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

Referências Bibliográficas

OLIVEIRA, M. M. D. de. **Contra o Consenso: LDB, DCN, PCN e as reformas no ensino**. João Pessoa: Sal da Terra, 2000.

_____. Ensino de história: (des)caminhos na construção de um objeto de pesquisa. In: SILVA, C. B da; ZAMBONI, E. (orgs.) **Ensino de História, memória e culturas**. Curitiba: CRV, 2013. p. 229-244.

_____. **Intrepida ab Origine (O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local)**. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora, 1996. p. 70.

HISTÓRIA E ESPAÇOS DO ENSINO: HISTORIOGRAFIA, PNLD E A BUSCA POR UM LIVRO DIDÁTICO IDEAL

JANDSON BERNARDO SOARES
JEFFERSON PEREIRA DA SILVA
WENDELL DE OLIVEIRA SOUZA

_____. Livros Didáticos de História: pesquisa, ensino e novas utilizações deste objeto cultural. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de (Org.). **Livros didáticos de história: escolhas e utilizações**. Natal: EDUFRRN, 2009. p. 79-86.

_____. O ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil. In: _____. **O direito ao passado. Uma discussão necessária à formação do profissional de História**. Aracaju: UFS, 2011. p. 37-116.

_____. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a construção do saber histórico escolar. In: GALZERANI, Maria Carolina Bovério; BUENO, João Batista Gonçalves; PINTO JUNIOR, Arnaldo. (Org.). **Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o Livro Didático de História**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. p. 357-372.

_____.; OLIVEIRA, I. F. de. Cultura histórica e livro didático ideal: algumas contribuições de categorias rüsenianas para um ensino de História à brasileira. **Espaço Pedagógico**, v. 21, p. 223-234, 2014.

_____.; FREITAS, I. A formação do profissional de história na contemporaneidade. In: **Mouseion**, Canoas, n. 19, dez., 2014, p. 109-125.

_____.; OLIVEIRA, I. F. de. Programa Nacional do Livro Didático - PNLD: processo de uma política e possibilidades de aperfeiçoamento. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; COSTA, Aryana Lima (Org.). **Para que(m) se avalia? Livros Didáticos de História e Avaliações (Brasil, Chile, Espanha, Japão, México e Portugal)**. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 11-25.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANTIAGO JR., Francisco das Chagas Fernandes. **Projeto de criação de grupo de pesquisa: Espaços, Poder e Práticas Sociais**. Natal [S.l.], 2009.